



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LUCIANE DAMBACHER**

**(depoimento)**

**2012**

**CEME–ESEF–UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-243

**Entrevistado:** Luciane Dambacher

**Nascimento:** 10/05/76

**Local da entrevista:** Biblioteca da Sociedade Ginástica Porto Alegre

**Entrevistador:** José Patrício Cunha Pinheiro

**Data da entrevista:** 12/06/2009

**Transcrição:** Alan Wasum da Silva

**Copidesque e Pesquisa:** José Patrício Cunha Pinheiro e Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 16 minutos e 41 segundos

**Páginas Digitadas:** 6

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de José Patrício Cunha Pinheiro intitulada *Atletismo Feminino no Rio Grande do Sul: a trajetória de cinco mulheres* desenvolvida no curso de graduação em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A entrevistada, após a leitura da transcrição da entrevista, solicitou que fosse anexada uma listagem contendo as suas principais conquistas esportivas.

<p>O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.</p>
---

## **Sumário**

Início da carreira esportiva do entrevistado; Vínculo com o a Sociedade Ginástica de Porto Alegre; Modalidades que praticou no início da sua carreira esportiva; Campeonatos e competições que participou; Apoio dos familiares; Carreira profissional; Mulher e esporte; Listagem contendo alguns dos títulos que conquistou;

Porto Alegre, 12 de junho de 2009. Entrevista com Luciane Dambacher a cargo do pesquisador José Patrício Cunha Pinheiro, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.P. – Eu gostaria que tu contasses para mim, com que idade tu começaste no atletismo, se teve o incentivo da família, de algum treinador, algum professor na escola?

L.D. – Na verdade eu iniciei no atletismo, em 1989, na escola. Fazia como Educação Física, eu estudava em uma escola evangélica em Novo Hamburgo que se chama Fundação Evangélica<sup>1</sup>, é uma escola que incentiva muito o esporte em todas as modalidades. Então ali eu comecei nas aulas de Educação Física e também existia um grupo que fazia treinamentos e tu podias entrar na escolinha de atletismo. Eu fazia, então, nas aulas de Educação Física e na escolinha de atletismo. Em 1990 eu fui convidada a treinar na SOGIPA<sup>2</sup>, porque já participava de Olimpíadas das Escolas Evangélicas, alguns pequenos torneios em Novo Hamburgo mesmo. Começaram a sair alguns resultados e o Arataca<sup>3</sup> dava treinamento para o meu irmão mais velho<sup>4</sup>, que também começou na Fundação Evangélica, então, o meu irmão já treinava na SOGIPA. O Arataca acabou me conhecendo e ele perguntou se eu não tinha interesse de ir treinar na SOGIPA. No início eu achei meio inviável. Primeiro, era menina, tinha de 13 pra 14 anos... Vir de Novo Hamburgo para treinar em Porto Alegre... Tinham muitas coisas contra, que me fazia pensar que não ia dar. Mas teve umas férias de inverno e minha mãe resolveu me trazer para SOGIPA para fazer um treinamento. Comecei a treinar com a Martina<sup>5</sup>, esposa do Arataca, e a partir dali fiquei até 2007, quando foi o meu último Troféu Brasil<sup>6</sup>. Em 2008, foi a minha despedida oficial, no Campeonato Estadual Adulto.

J.P. – E desde então tu tiveste o apoio do clube?

---

<sup>1</sup> Fundação Evangélica, unidade de ensino da Instituição Evangélica de Novo Hamburgo, cidade do interior do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Sociedade Ginástica de Porto Alegre

<sup>3</sup> José Haroldo Loureiro Gomes

<sup>4</sup> Paulo André Dambacher, atleta de salto em distância e 110 metros com barreiras.

<sup>5</sup> Martina Lindemayer.

<sup>6</sup> Troféu Brasil de Atletismo, competição realizada anualmente pela Confederação Brasileira de Atletismo.

L.D. – Desde 1990 eu tive o apoio da SOGIPA para manter os meus treinamentos. No início eu vinha a Porto Alegre de duas a três vezes por semana. Nos outros dias eu praticava na Fundação Evangélica ou em um algum outro lugar, um parque ou algo assim. Posteriormente, à medida que eu fui crescendo, troquei de colégio para ter mais tempo para treinar, eu passava a vir mais vezes a Porto Alegre. Até que chegou o momento que não dava mais pra ficar indo e voltando, e tive que me mudar.

J.P. – Quando tu iniciaste, foi diretamente na modalidade de salto ou tu passaste por várias modalidades até fazer a especialização somente no salto?

L.D. – Na verdade quando eu iniciei a minha primeira modalidade foi de 600 metros rasos, nada a ver com o salto em altura. Mas daí já fazia também salto em altura, salto em distância e às vezes entrava nos revezamentos, no colégio. Quando eu entrei na SOGIPA, é por costume, se treinar todas as modalidades quando nós ainda somos mais novos. Eu pratiquei por muito tempo o Heptatlo<sup>7</sup>, uma combinação de sete provas nas quais tu vais somando pontos e vence o que tiver a melhor pontuação, isso desde 1990. Em 1994 surgiu meu primeiro grande objetivo, que era tentar participar de um campeonato mundial<sup>8</sup>. Para isso eu tinha que optar por uma modalidade. Foi quando, no salto em altura era onde eu tinha um destaque maior, então optamos por fazer o salto em altura. Eu não deixei de competir em outras modalidades, mas eu tive um treinamento mais específico para o salto em altura.

J.P. – A partir de então tu começaste a vislumbrar alguma coisa com o atletismo? Qual o teu ideal, até onde tu poderias chegar o que tu desejavas?

L.D. – Bom no início, as coisas foram acontecendo sem muito planejamento. Comecei com escolinha, daqui a pouco começaram a sair os resultados, daqui a pouco comecei a ganhar medalha em brasileiro<sup>9</sup>. Eu acabei me motivando cada vez mais. Em 1994 foi quando surgiu o primeiro objetivo: “Tenho que treinar pra isso”, que era tentar fazer o índice para

---

<sup>7</sup> Combinação de sete provas para mulheres, disputada em dois dias: 100 metros com barreiras, salto em altura, arremesso de peso, 200 metros rasos, salto em distância, lançamento de dardo e 800 metros.

<sup>8</sup> Referência ao Campeonato Mundial Juvenil de Lisboa (Portugal) em 1994

<sup>9</sup> As principais conquistas da entrevistada estão listadas no final deste documento.

o Mundial Juvenil. Então eu tinha que saltar 1,82 metros pra poder participar do campeonato. Passei a vir a Porto Alegre, morei na casa da Martina e do Arataca, treinava a semana toda e só voltava pra casa nos fins de semana. Eram treinamentos de dois turnos, bem específicos. Quando eu alcancei o índice eu vi que já tava no Mundial. Tu já podes começar a objetivar coisas maiores. A partir daí comecei a almejar coisas na categoria acima, que era a adulta. E não parou mais, começaram a aparecer os resultados e cada vez tu vais querendo mais e mais, até que tu começa a colocar marcas como objetivo. Se num ano tu saltaste 1,82 metros, no ano seguinte tu vais queres saltar um pouco mais. O próprio “pouquinho mais” algumas vezes já é índice pra outra competição, ou te deixa bem colocada. As coisas foram aparecendo [risos].

J.P. – Relaciona pra mim quais os campeonatos que tu participaste.

L.D. – Desde categorias menores já participei de Brasileiros, Sul-Americanos. Como juvenil também, Brasileiro, Sul-Americano e Pan-Americano e o Mundial. Como adulta eu sou Pentacampeã brasileira do Salto em Altura, Tricampeã Sul-Americana e Medalha de Prata nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg<sup>10</sup>. No Pan-Americano de Santo Domingo<sup>11</sup> eu me lesionei, e infelizmente um Pan-Americano foi de glórias e o outro foi o início de uma fase ruim que me levou a uma aposentadoria.

J.P. – Faltou um aí, que seria os Jogos Universitários.

L.D. – Sim. Como Jogos Mundiais Universitários<sup>12</sup> eu participei em Palma de Maiorca em 1999 e em Beijing, China em 2001. Foram os dois Campeonatos Mundiais Universitários que eu tive o prazer de participar, que são competições muito importantes.

J.P. – Agora eu vou te fazer umas perguntas que são um pouco polêmicas, só pra contextualizar. Nesse tempo todo que tu treinaste, e teve que se deslocar para Porto Alegre para poder se dedicar mais, você tinha dificuldades de tratamento no grupo de atletas?

---

<sup>10</sup> Jogos Pan-Americanos de 1999, Winnipeg (Canadá).

<sup>11</sup> Jogos Pan-americanos de 2003, Santo Domingo (República Dominicana).

<sup>12</sup> XX Jogos Universitários Mundiais de 1999, Palma de Maiorca (Espanha) e XXI Jogos Universitários Mundiais de 2001, Pequim (China).

L.D. – Com relação a preconceitos?

J.P. – Preconceitos, e por ser mulher.

L.D. – Na verdade, no meio do esporte isso não é muito comum. Tu sentes muito preconceito nos amigos dos pais: “Ah, mas ela está fazendo esporte?” Tu sentes um preconceito de pessoas que não são ligadas ao esporte. Porque em Novo Hamburgo não era muito comum tu ouvires falar de meninas se destacando no esporte. Hoje já é muito mais comum. Por exemplo, lá tem menina do vôlei que já participa de seleção brasileira, mas na época não tinha muito isso, ainda mais no atletismo. Ninguém nem sabia o que era atletismo. Da minha família não, até porque eu fui muito incentivada pela minha família. O meu pai já fez atletismo quando jovem. Na verdade, ele não praticou, foi dirigente; o meu irmão mais velho veio do atletismo também, foi quem abriu as portas para mim. Mas eu via muito pessoas de meia idade, amigos dos meus pais que sim, tu sentias certo preconceito. Eles não eram muito descarados, mas que tu sentias que não existia confiança. Primeiro como sendo uma coisa de menino e segundo como sendo uma coisa que: “Tu vais perder o teu tempo fazendo isso? Vai estudar! Vai fazer alguma coisa que tu produzas”. Só que a partir do momento que tu comesças a aparecer na mídia, aí muda tudo. As pessoas já tem outra visão: “Ah é a Fulana, filha do Fulano!”, aquilo ali passa a ser completamente o oposto.

J.P. – Tu tocaste numa coisa muito importante, o fato de aparecer na mídia. Tu sentiste de que forma quando estava na mídia, como um produto ou que a mídia te beneficiou pra tu teres melhores condições de trabalho, de melhorar no treinamento?

L.D. – A mídia é uma coisa complicada de falar porque, na verdade, ela pode te exaltar como pode te afundar, dependendo da situação. Acho que sempre tive privilégios de ter tido benefícios. É aquela velha história: “Quem não é visto, não é lembrado.” Então, graças à Deus sempre tive bons resultados. Com os bons resultados tinham coisas positivas, eles colocavam coisas positivas e isso também acaba trazendo coisas boas. Por exemplo, patrocínios. Claro que o patrocínio vem em cima de bons resultados, mas não adianta nada ninguém saber que tu fizeste bons resultados, isso tem que aparecer em algum lugar. Outro exemplo: fazendo um comparativo nos dias de hoje, se tu pegas um campeão

brasileiro de uma modalidade de pista de atletismo e tu pegas um corredor de rua à nível estadual, eles preferem dar o patrocínio ao corredor de rua em nível estadual do que um campeão brasileiro ou um campeão sul-americano de pista. Porque o corredor de rua ele está toda hora na rua e ele atinge um público muito maior. E pista não. Hoje em dia as competições tem entrada franca e um público pequeno assistindo. E na rua não, tu vais na Maratona de Porto Alegre tu nem sabes quem é.

J.P. – Isso é uma questão cultural então?

L.D. – É cultural. Mas a mídia acaba te proporcionando, te levando até essas pessoas que não vem ver no estádio. Tu passas a ser mais reconhecida, mais valorizada dentro da tua modalidade e vai abrindo portas, até com relação a patrocínios.

J.P. – Hoje vendo assim, tu achas que o esporte, por tu teres participado desde menina, trouxe benefícios pra tua vida profissional e para o resto do teu cotidiano?

L.D. – Sim. Infelizmente eu tive que parar por motivo de lesão. Não foi uma coisa assim: “Ah eu estou me aposentando porque eu já fiz o que tinha que ser feito, acho que chegou a hora”. Eu carrego um pouquinho de tristeza por não ter sido exatamente como. Porque às vezes a gente planeja. Eu levo um pouco disso. Mas como eu tive que parar, acho que trouxe muito beneficio para minha vida profissional. Formei-me em Educação Física. Acho que se eu tivesse me formado em uma área que não tivesse nada a ver com Educação Física, o povo tem memória curta. A gente acaba esquecendo rápido, um, dois anos depois ninguém mais lembra. Mas como tu segues no meio, eu ainda estou no meio do atletismo e no meio da Educação Física, as pessoas da Educação Física acabam valorizando o teu trabalho. Eu diria que com certeza os meus resultados se refletem na minha vida profissional hoje. Claro que nós temos que fazer do limão uma limonada, também temos que aproveitar isso. Senão daqui a dois, três anos ninguém mais vai lembrar. “A Luciane fez salto em altura?” e aí? Bom aí acabou e tu caís num “panelão”, nós dizemos assim. Eu diria que sim, que me beneficiou.

J.P. – Tu continuas trabalhando com atletismo, como treinadora?



L.D. – Eu hoje sou *personal*<sup>13</sup> e com o atletismo a minha ligação é com corrida, não com o salto em altura. Mas sim, continuo tendo uma ligação com o atletismo.

J.P. – Tu achas que por tu teres sido uma atleta internacional, tu tens o respeito dos teus alunos de hoje? Tu achas que eles conseguem te ouvir dizer assim: “Eu estou tendo aula com uma pessoa que teve uma grande experiência?”

L.D. – Nesse sentido sim. Até porque tem muitos alunos que vem e nem sabem. O público que nós atingimos muitas vezes é sedentário, que não são ligados ao esporte, procuram a corrida para uma melhora na qualidade de vida. São pessoas que de repente nem tiveram ligação com o esporte, não liam sobre o esporte, não fazia parte. Muitos alunos acabam sabendo depois, porque algum comenta, o outro fala que eu fui atleta. Mas o que eu mais vejo que vale, é assim, tu dá uma dica que tu já passaste. Tu encurtas caminho nesse sentido. Daqui a pouco tu vêes que o teu aluno está com uma dor, tu já teve aquela dor várias vezes e tu solucionaste de tal jeito. Então tu dás uma dica, tu acabas encurtando o caminho. E às vezes essas dicas são aceitas por isso. Um atleta passa por dores, passa por lesões várias e várias vezes durante a carreira. Às vezes muito mais vale alguém que já passou por aquela dor. Tu sabes que a pessoa já passou por aquela dor, tu sabes o que a pessoa tá sentindo. Tu sabes que se a pessoa seguir, daqui a pouco aquilo evolui para uma coisa pior. As tuas experiências como atleta são bem ouvidas. Se colocadas na hora certa, elas têm um valor bem grande. Agora, para trazer alunos eu não sei, é relativo. Isso eu já diria que não é bem assim. Eu vejo hoje no nosso grupo, muitos procuram a gente trabalha dentro do clube mesmo, então acho que a SOGIPA tem tradição no atletismo. E nós somos três professores, tem o Milton<sup>14</sup> e tem o Leonardo<sup>15</sup> que vivencia o atletismo desde os 12 anos, tem uma experiência muito grande com corrida. Ele sim é bastante respeitado, muito mais nesse sentido do conhecimento dele do que por ter uma treinadora que já foi atleta.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>13</sup> Personal Trainer

<sup>14</sup> Milton Quintana, foi treinador de atletismo da SOGIPA de 1991 a 2006 e desde 2005 é treinador do grupo de corrida de Rua PerCorrer.

<sup>15</sup> Leonardo Ribas, treinador de atletismo da SOGIPA, desde 1990 e treinador do grupo de corrida de Rua PerCorrer desde 2005

## ANEXO

- Medalha de Prata nos Jogos Pan-Americanos (Winnipeg, Canadá), em 1999;
- Tricampeã Sul-Americana Adulta (Bogotá, Colômbia), em 1999; (Manaus) em 2001; (Caracas, Venezuela) em 2003;
- Pentacampeã Brasileira Adulta (Rio de Janeiro) em 1997; (Curitiba) em 1998; (Rio de Janeiro) em 1999 e 2001; (São Paulo) em 2003;
- Medalha de Bronze Copa América (Manaus) em 1994;
- Vice-Campeã Ibero-Americana (Argentina) em 1998; (Guatemala) em 2002;
- Nove vezes Campeã Estadual Adulto (Rio Grande do Sul), em 1990; 1993; 1995; 1997; 1999; 2001;2002; 2003; 2005;
- Bi-Campeã Estadual Adulto do Heptatlo (Rio Grande do Sul), em 1992; 1995;
- Bi-Campeã Estadual Adulto dos 100m com Barreiras (Rio Grande do Sul), em 1997; 1999;
- Campeã Estadual Adulto em Salto em Distância (Rio Grande do Sul), em 1992;
- Participou do Campeonato Mundial Junior (Lisboa, Portugal) em 1994;
- Bi-Campeã Sul-Americana Juvenil (Argentina) em 1994; (Chile)em 1995;
- Tetra-Campeã Brasileira Juvenil (São Paulo) em 1992; (Santa Catarina) em 1993; (Rio Grande do Sul), em 1994; 1995;
- Tetra-Campeã Estadual Juvenil (Rio Grande do Sul), em 1992; 1993; 1994; 1995;
- Campeã Estadual Juvenil dos 100m com Barreiras (Rio Grande do Sul), em 1992;
- Campeã Sul Americana Menores (Chile) em 1992;
- Campeã Brasileira Menores (São Paulo) em 1992;
- Bi-Campeã Estadual Menores (Rio Grande do Sul), em 1991; 1992;
- Campeã Estadual Menores do Pentatlo (Rio Grande do Sul), em 1991;
- Campeã Estadual Menores do 4x100m (Rio Grande do Sul), em 1992;
- Melhor atleta do atletismo gaúcho Feminino 1994 a 2001;
- Entre tantas outras conquistas.
- Estágio de treinamento no Comitê Olímpico Mexicano (Cidade do México) em 1995
- Estágio de treinamento no Comitê Olímpico Argentino ( Buenos Aires) em 1995;

- Estágio de treinamento no Centro de Treinamento da CBAAt (Manaus) em 1996; 1997;
- Estágio de treinamento nos EUA (San Diego), em 1995; 1998; 2000;
- Estágio de treinamento na Alemanha (Mainz e Frankfurt) em 1998; 2000; 2002; 2003;